

Antropologia ao acaso dos encontros: experimentações com alguns colombianos em São Paulo e Barcelona

Rafael Estrada Mejía*

Toda cidade é [...] um corpo que só sabe de frequências, desassossegos e intensidades.
Manuel Delgado

Resumo: O presente artigo propõe como via de acesso à alteridade o conceito de encontro (*occursus*), lapidado e polido por Baruch Spinoza e resgatado recentemente por Gilles Deleuze. Procuo fugir do trilhado discurso da identidade e sua tediosa pretensão hermenêutica, para tentar me aproximar de um pensamento que libera o acontecimento de seus grandes inimigos: o eu, o mundo e Deus. A partir de uma prática etnográfica, realizada entre 2007 e 2008 com colombianos em São Paulo e Barcelona, retrato alguns dos encontros que implicaram me adentrar em múltiplos devenires: estrangeiros, imigrantes, indocumentados, exilados, refugiados, místicos, agnósticos, militantes políticos, *latinos*, hispânicos, sul-americanos, *sudacas*, guerrilheiros, paramilitares, etc.

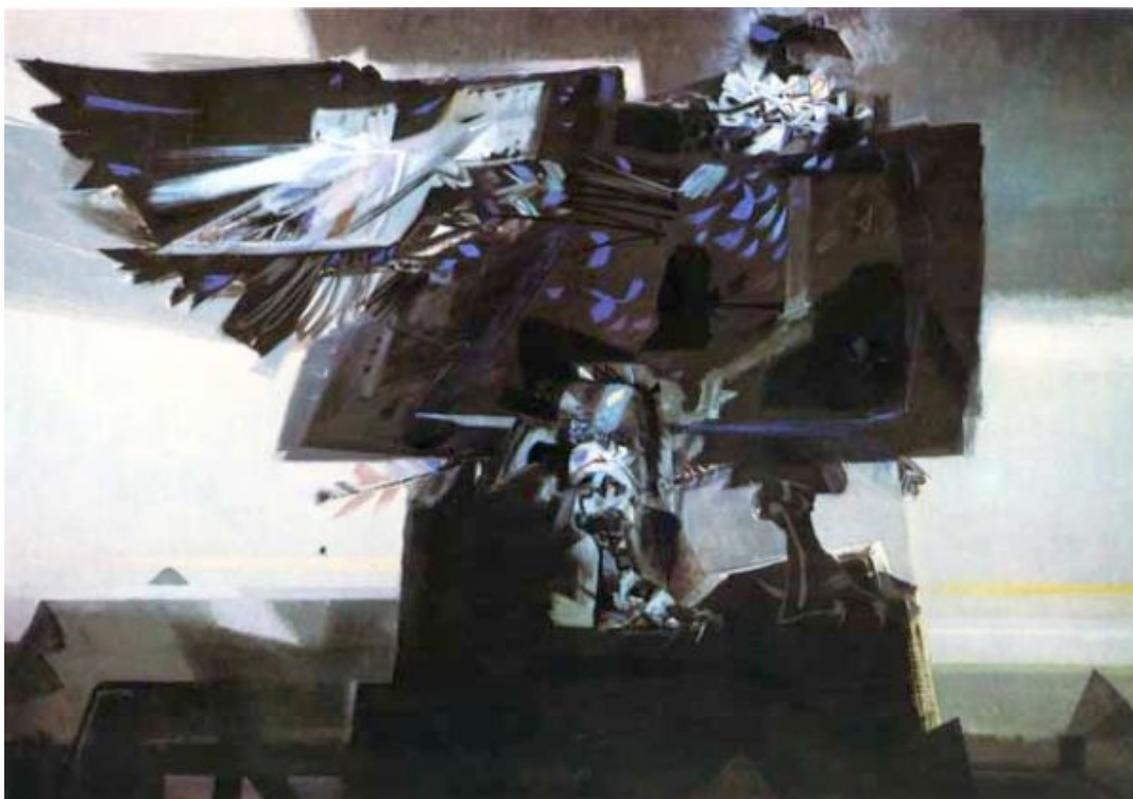
Palavras-chave: encontro; *occursus*; devenir; antropologia nas cidades; colombianos.

Abstract: The present article proposes as way to access the otherness the concept of meeting (*occursus*), *cutted* and *polished* by Baruch Spinoza and rescued recently by Gilles Deleuze. Attempting to escape from the hackneyed discourse of the identity and its tedious hermeneutical pretension, in order to looking closer into a thought that liberate the event from its great enemies: the self, the world and God. Based on an ethnographic practice, realized between the years 2007 and 2008 with Colombians at São Paulo and Barcelona cities, I portray some meetings that imply to get me inside the multiples becomings (devenires): foreigners, immigrants, without documents, exiles, refugees, mystics, agnostics, political militants, *latinos*, Hispanics, South Americans, *sudacas*, partisans, paramilitaries, etc.

Key words: meeting; *occursus*; becoming; anthropology in the cities; Colombians.

As práticas antropológicas surgem por causas diversas, algumas vezes pela formulação ou participação em um projeto de pesquisa autônomo, a maioria pela insinuação, sugestão ou incitação a certas temáticas de interesse para as agências de fomento, que assinalam o rumo da pesquisa acadêmica, mas raramente pelo acaso dos encontros, *fortuito occursu*.

Uma antropologia deste tipo consistiria em retratar o *occursus*, o encontro, pensaria em termos de devir, experimentaria ao invés de ceder a qualquer exercício hermenêutico. Minha tentativa se insere em uma linha de pensamento que não é nenhuma novidade, pois nela já transitaram Heráclito, os estóicos, Spinoza, Nietzsche e, mais recentemente, Deleuze.



Amanecer en los Andes, Oleo sobre lienzo (1963) de Alejandro Obregón

Para acometer uma antropologia nas cidades ao acaso dos encontros, é necessário, antes de tudo, contar com um dispositivo que permita agrupar os diferentes exteriores urbanos: ruas, praças, vestíbulos, calçadas, praias, parques, cais, ônibus, etc., ambientes urbanos abertos e acessíveis sem exceção, cujos usuários olham e são olhados, onde acontece todo tipo de agenciamentos, microscópicos ou tumultuosos, harmoniosos ou polêmicos, onde se desdobram encontros e encontrões, lutas e deserções, reencontros e extravios. Todo esse imenso enredo de acordos automáticos entre desconhecidos ou conhecidos de vista que nos depara o espetáculo de uma sociedade interminável, transbordante de equívocos e acasos. Esse espaço só existe como resultado de transcurtos que não deixam de atravessá-lo e agitá-

lo, conferindo a ele valor tanto prático quanto simbólico (DELGADO, 2007: 225).

O *espaço público* abrangeria esse dispositivo, mas desta vez desprovido daquilo que significa para o urbanismo oficial: um vazio entre construções que deve ser preenchido de forma adequada aos objetivos de promotores e autoridades, que, habitualmente, são os mesmos. Sob esta perspectiva, tratar-se de um território no qual intervir, um espaço a ser organizado que garanta a boa fluidez entre os pontos, os usos adequados, os significados desejáveis; um ambiente limpo e bem penteado, que deverá servir para que as *construções-negócio* ou os edifícios oficiais (ao longo dos quais se estende) garantam segurança e previsibilidade.

Não por acaso, a noção de *espaço público* se pôs de moda entre os

planejadores, sobretudo, a partir das grandes iniciativas de reconversão de centros urbanos, como uma forma de tornar as cidades apetecíveis à especulação, ao turismo e às demandas institucionais em matéria de legitimidade. As políticas urbanísticas devieram a continuação de uma velha obsessão dos dispositivos de poder por controlar o que incontrolavelmente acontece nos exteriores urbanos. Os planos, os mapeamentos, as delimitações viárias e os zoneamentos se tornam instrumentos que procuram, sem sucesso, monitorar o que realmente acontece no espaço urbano: todas as apropriações espontâneas e erráticas a que ele é submetido pelos seus próprios usuários, as colonizações insólitas e imprevisíveis que constantemente o afetam, e que fazem dele um espaço de liberdade (DELGADO, op. cit.: 16-17).

Assim, uma antropologia nas cidades se ocuparia, sobretudo, de retratar encontros e encontrões, lutas e deserções, reencontros e extravios. A partir de uma prática etnográfica com colombianos em São Paulo e Barcelona¹ retrato alguns dos encontros que experimentei nessa ocasião, os quais implicaram me adentrar por múltiplos devenires: estrangeiros, imigrantes, indocumentados, exilados, refugiados, místicos, agnósticos, militantes políticos, *latinos*, hispânicos, sul-americanos, *sudacas*², guerrilheiros, paramilitares, etc.

O encontro com o Loco de Abril

¹ Esta proposta se insere em uma pesquisa de doutorado adiantada no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Professora Suely Kofes. A mesma se nutre do exercício etnográfico que realizei nas cidades de São Paulo e Barcelona, entre 2007 e 2008, com exilados e imigrantes colombianos vulneráveis.

² Expressão pejorativa usada na Espanha para referir-se aos sul-americanos.

Tomando como ponto de partida o conceito de *espaço público* antes esboçado, proponho como via de entrada à alteridade, às práticas antropológicas, respectivamente, a categoria do *occursus*, isto é, do *encontro*. O *occursus* é a palavra latina que usa Spinoza para referir-se às idéias-afecções (SPINOZA, 1990). Um encontro é uma mescla, o efeito de um corpo sobre o outro. Meu corpo não deixa de encontrar corpos. Os corpos que encontra têm ora relações que se compõem, ora relações que não se compõem. Na medida em que temos idéias-afecções, vivemos ao acaso dos encontros. Assim, por exemplo:

Caminho pela rua, vejo Pedro de quem não gosto, e isso é em função da constituição do seu corpo e da sua alma e da constituição do meu corpo e de minha alma. Alguém que me desagrada, corpo e alma, o que isso quer dizer? [...] Quando eu digo: aquele tipo não me agrada, isso quer dizer literalmente que o efeito do seu corpo sobre o meu, que o efeito de sua alma sobre a minha, me afeta de maneira desagradável, são misturas de corpos ou misturas de almas. Há uma mistura nociva ou uma boa mistura, tanto no nível do corpo quanto no da alma (DELEUZE, 1978).

O primeiro *encontro* que tive com um colombiano na Casa do Migrante, em São Paulo, foi com o Loco de Abril. Ele me foi apresentado pelo voluntário responsável da sala de internet deste albergue. Tratou-se de um *bom encontro*. O Loco de Abril nasceu em Bucaramanga e tinha terminado seus estudos secundários quando emigrou da Colômbia. Quando o encontrei pela primeira vez, em meados de maio de 2007, carregava um forte sotaque portenho, talvez como forma de negociação da sua identidade ou porque

simplesmente eu conheceria seu devenir portenho.

No albergue, ele partilhava grande parte de seu tempo com o Paulo, um rapaz argentino de traços fenotípicos brancos, muito provavelmente de classe média, bom conversador e cabelos rastafári. Paulo tocava violão e cantava; gostava também de jogar futebol. O Loco de Abril, Paulo e outro colombiano, participariam em 2007 do campeonato de futebol interalbergues de São Paulo, jogando, é claro, pelo time da Casa do Migrante. Paulo retornaria a Buenos Aires, tinha em mente voltar para estudar na universidade. Curiosamente, tanto no albergue quanto no curso de português do Serviço Social do Comércio - SESC do Carmo para refugiados, os colombianos, do mesmo modo que os demais hispânicos, eram chamados de “latinos”. Os brasileiros, usuários destes mesmos espaços, não se incluíam nesta categoria e usavam eventualmente essa denominação de forma pejorativa.

O Loco de Abril havia perambulado, de carona, durante dois anos ou mais, por vários países da América do Sul. Na Argentina teria permanecido um bom tempo. Na Universidade de Buenos Aires frequentaria alguns cursos. Comentava, por exemplo, ter realizado um curso de oratória; participaria também em um curso de timoneiro que duraria cerca de seis meses, aspirava devenir navegante. Tinha pensado inclusive viajar à Espanha, em especial à Barcelona, pois lá, dizia, poderia aprimorar seus conhecimentos sobre navegação. Em uma oportunidade, estando ainda na Argentina, teria conduzido um veleiro até o Porto de Santos. Essa teria sido sua primeira vez no Brasil. Suas vontades eram as de navegar, trabalhar como timoneiro ou

como prático³ em algum porto de qualquer lugar do mundo.

O encontro com Gelsomina

Conheci Gelsomina no final de maio de 2008. Ela me foi apresentada pela Anabel, outra colombiana, amiga sua, com quem eu já tinha tido algum tempo antes um encontrão. Esse dia, eu me encontrava falando com a Anabel no seu escritório do centro de Barcelona. Antes de terminar a conversa, chegou ali a Gelsomina, uma mulher robusta, de traços mestiços, de mais ou menos trinta e três anos, um metro e sessenta de estatura, cabelos louros, longos e ondulados e um sorriso à flor dos lábios. Tratar-se-ia de um bom encontro. Aquele dia, sexta-feira, fim de tarde, após a apresentação, a Anabel nos convidou a tomar uma cerveja em um bar colombiano perto dali. Shangó era o nome do bar, situado no número 2 do Carrer d'En Groch, no Bairro Gótico. Os proprietários deste bar eram um casal de colombianos, oriundos de Cali, nessa época estava sendo atendido por um casal de franceses. A especialidade deste bar era a *salsa* e o *merengue*. Um destaque especial era dado à *salsa* da Colômbia, bem como a outros ritmos musicais colombianos contemporâneos. A Gelsomina não se sentia psicologicamente muito bem nesse dia, portanto, precisava partilhar suas tristezas com sua amiga. Durante o encontro, a Anabel propôs que fizéssemos uma espécie de terapia de “duelo migratório”. Assim, cada um de nós falou sobre algumas das aflições que mais nos perturbavam naquele momento. Depois, partilhamos alguns episódios das nossas trajetórias vitais e,

³ Na linguagem náutica, constitui o homem que conhece minuciosamente os acidentes hidrográficos de áreas restritas, e que com esses conhecimentos conduz uma embarcação através dessas áreas.

concluímos, trocando abraços. Finalmente, despediríamos-nos com certa sensação de bem-estar. Este seria o início de uma grande amizade e o primeiro de muitos e agradáveis reencontros.

O encontro com Tuborg

Conheci o Tuborg na manhã do domingo 24 de junho de 2007, em frente à Praça da Sé, em ocasião do encerramento da “Semana do Migrante” promovida por várias instituições vinculadas à imigração. Tuborg me seria apresentado pela Chalaca, uma imigrante indocumentada peruana. Quando conheci o Tuborg, ele tinha 34 anos, fazia cerca de um mês tinha voltado do Sul. Tinha chegado ao Brasil havia mais ou menos quatro anos, era magro de traços mulatos, tinha, mais ou menos, um metro e sessenta e cinco centímetros de estatura. Seu sotaque colombiano me lembrava às pessoas nascidas em Cúcuta, isto é, devenia *toche* (passarinho conhecido no Brasil como Iratauí-pequeno). No entanto, já carregava gírias e interferências do português. Porém, quando falava em espanhol, seu sotaque algumas vezes também devenia *valluno* (gentílico dos nascidos no Vale do Cauca). O encontro com ele foi bom, tive a oportunidade de perambular muitas vezes com ele o centro de São Paulo, apresentou-me muitas pessoas e lugares.

Encontros na casa das Irmãs Hafen

A casa das irmãs Hafen era frequentada por muitas pessoas de origem colombiana, especialmente amigos ou amigas da Anabel. Ao longo da minha permanência, conheci e partilhei com várias delas. Algumas ficaram por curtos ou até longos períodos.

Uma dessas visitantes foi a Blume, quando a conheci sua estadia em Barcelona estava terminando. Esta

mulher era divorciada, tinha um filho adolescente que ficara na Colômbia. Chegou à Espanha como bolsista de um dos programas auspiciados pela ONG *Taula Catalana por Colombia*, de forma semelhante à Anabel. A Blume freqüentou, por um lado, o curso de Pós-graduação em Cultura e Paz, da *Escola de Cultura e Paz* da Universidade Autônoma de Barcelona. Por outro, trabalhava como ativista da *Organização Feminina Popular - OFP*, difundindo através de seminários, workshops e reuniões com diferentes representantes de entidades espanholas e européias, a situação pela que estava atravessando a Colômbia em relação ao tema humanitário.

Na Colômbia, ela trabalhava parcialmente como professora de inglês em um colégio da cidade de Barrancabermeja, tinha se formado em filologia e idiomas, com uma especialização em língua e literatura inglesa. Adicionalmente, era membro da OFP. As conversas que tive com a Blume giraram sobre temas diversos, é claro que um dos temas mais destacados era a política. No entanto, conversávamos em repetidas ocasiões sobre a vida cotidiana, por exemplo, a falta que sentia do seu filho, as saudades que ambos tínhamos da Colômbia ou do “*mamagallismo*” colombiano, isto é, a permanente vocação social do povo para o humor, a atitude do debochador: burlona, irônica e irreverente, junto a um estranho sentido de vitalidade que, muito especialmente, pode-se confirmar na vida cotidiana. A propósito disso, ela comentava reiteradamente a falta que sentia da gente da Colômbia, da vida simples. Tinha saudade, por exemplo, de ir ao rio, sentar-se em uma pedra para descansar, passar o tempo ou não pensar em nada. Nunca batizou seu filho, quem, durante sua ausência, ter-se-ia questionado sobre a importância

de certos valores e atitudes religiosas, como era o caso de fazer ou não a primeira comunhão (levando em conta que vários dos seus colegas de escola iriam fazê-la). A Blume não acreditava na religião, mas em Jesus, de quem afirmava era um homem revolucionário. Daria liberdade ao seu filho para tomar suas próprias decisões, entre elas no referente ao tema religioso. Nesse sentido, a Blume gostava constantemente de comentar os aforismos de um dos líderes da Teologia da Libertação e co-fundador do departamento de sociologia da Universidade Nacional da Colômbia, o sociólogo e sacerdote Camilo Torres Restrepo. Recordo em especial o seguinte:

Que no nos pongamos a discutir si el alma es mortal o es inmortal, sino pensemos que el hambre sí es mortal y derrotemos el hambre para tener la capacidad y la posibilidad después de discutir la mortalidad o la inmortalidad del alma.

Outros encontros, mesclas de corpos, devenires

As mesclas, as idéias-afecções são confusas e inadequadas, já que ignoro como e em virtude de que a alma e o corpo de Pedro são compostos, de tal maneira que eles não convêm a minha alma e meu corpo respectivamente. Spinoza teria dito que seriam conseqüências separadas de suas premissas ou um conhecimento dos efeitos independentemente do conhecimento de suas causas.

Mas o que é um corpo, o que é uma alma? Ou melhor, o que é o que pode um corpo? Não sabemos de entrada o que um corpo pode. Não sabemos como se organizam e como estão envolvidos os modos de existência em alguém. Spinoza nos dá uma pista, um corpo ou uma alma, que é a mesma coisa, é

definido por uma relação composta e complexa de repouso e movimento que permanece apesar das alterações que atingem as partes desse corpo. A individualidade de um corpo:

É a permanência de uma relação de movimento e de repouso através de todas as mudanças que afetam todas as partes, ao infinito, do corpo considerado. Vocês compreendem que um corpo é necessariamente composto ao infinito. Meu olho, por exemplo, meu olho e a relativa constância de meu olho, define-se por certa relação de movimento e de repouso através de todas as modificações das diversas partes do meu olho; mas meu próprio olho, que já tem uma infinidade de partes, é uma parte entre as partes do meu corpo, ele é uma parte do rosto, e o rosto, por sua vez, é uma parte do meu corpo, etc. Portanto, vocês têm todos os tipos de relações que irão se compor umas com as outras para formar uma individualidade deste ou daquele grau. Mas em cada um desses níveis ou graus, a individualidade será definida por uma certa relação composta de movimento e de repouso (DELEUZE, op. cit.).

Se meu corpo é constituído por uma composta e complexa relação de movimento e repouso, o que pode acontecer? Duas coisas seriam então prováveis:

Eu como alguma coisa que eu gosto, ou então, outro exemplo, eu como alguma coisa e caio envenenado. Literalmente, em um caso eu fiz um bom encontro, e no outro, fiz um mau encontro. Tudo isso se refere à categoria do *occursus*. Quando eu faço um mau encontro, isso quer dizer que o corpo que se mistura com o meu destrói minha relação constitutiva, ou tende a destruir uma de minhas

relações subordinadas. Por exemplo, eu como alguma coisa e tenho dor de barriga, e isso não me mata; mas isso destruiu ou inibiu, comprometeu uma das minhas sub-relações, uma das relações que me compõe. Depois eu como alguma coisa e morro: nesse caso, isso decompôs minha relação composta, decompôs a relação complexa que definia minha individualidade. Isso não destruiu simplesmente uma das minhas relações subordinadas que compunha uma de minhas sub-individualidades, isso destruiu a relação característica do meu corpo. Quando eu como alguma coisa que me convém, se dá o inverso (DELEUZE, *ibidem*).

Spinoza pensa tudo em termos de devenir. Ele faz parte dos filósofos do seu tempo que diria que não se nasce nem racional, nem inteligente, nem livre, mas devenimos livres, racionais ou inteligentes a partir de um devenir, isto é, que estamos à mercê dos encontros, das decomposições (DELEUZE, 1981).

Não podemos dizer que somos livres por natureza, se não nos concebermos como uma substância, isto é, como uma coisa relativamente independente. Se nos concebemos como um conjunto de relações e não como uma substância, a proposição 'sou livre' está desprovida estritamente de sentido. Ao contrário, talvez tenha um sentido a pergunta 'como devenir livre?'. Igualmente ser racional, pode ser compreendido se me defino como um animal racional, desde o ponto de vista da substância, a definição aristotélica implica que sou uma substância. Se for um conjunto de relações, das relações racionais, direi que racional está estritamente desprovido de sentido. Portanto, se racional, livre, etc., têm qualquer sentido só pode ser como resultado

de um devenir. É muito original. Ser lançado ao mundo é, precisamente, correr o risco em cada momento de encontrar algo que me descompunha (DELEUZE, *op. cit.*).

Spinoza sugere que o primeiro esforço da razão é uma espécie de esforço extraordinariamente vacilante, tentativo:

É uma espécie de aprendizado para avaliar, para ter os signos que me digam um pouco quais relações me convêm e quais relações não me convêm. Há que experimentar, cada um deve descobrir o que ama e o que suporta. Um pouco como acontece quando se toma medicamentos. Há que fazer seleções. Há algo que vai além da simples aplicação da ciência. É como aprender uma música. Spinoza chamará seleção e decomposição a este primeiro aspecto da razão. Encontrar por experiência com que relações se compõem as minhas e tirar as conseqüências, isto é, fugir, a qualquer preço e o que mais puder, do encontro com relações que não me convêm, e me compor ao máximo com as relações que me convêm. Esta é a primeira determinação da liberdade ou da razão (DELEUZE, *op. cit.*).

Durante minha prática etnográfica em São Paulo e Barcelona tive a possibilidade de perceber múltiplas mesclas e devenires decorrentes em ocasião não apenas dos meus encontros com esses colombianos, mas das mesclas e devenires que eles próprios experimentaram conforme suas dissímeis trajetórias vitais.

O Loco de Abril *virando-se* em São Paulo

O Loco de Abril, para ganhar seu sustento em São Paulo, como acontecia com muitos migrantes, não só estrangeiros, mas brasileiros, tinha que

“se virar” das mais diversas maneiras como, por exemplo, vendendo canetas no metrô ou no trem, principalmente nos trechos da periferia de São Paulo, zona leste ou zona sul, “torcendo” ainda para não ser pego pela polícia ou os guardas do metrô. Contudo, ele teria se cansado de burlar os poderes constituídos. Esse trabalho, além de gerar nele uma enorme angústia, implicava riscos e eventuais castigos, que normalmente terminam sendo mais graves quando se devém indocumentado (imigrante ilegal, no linguajar oficial), como era o seu caso. Por conseguinte, o Loco de Abril acabaria procurando outros ofícios menos arriscados. Em vista de que as regras da Casa do Migrante lhe exigiam sair cedo dela, madrugava à procura de algum “bico” para ganhar, literalmente, alguns “trocados”. Um dos “bicos” que tentou, mas que não deu certo foi o de vendedor de planos de férias. O trabalho consistia em vender uma ou duas semanas de férias por ano, cujo comprador podia passar em determinados resorts ou hotéis normalmente luxuosos. Caso o cliente não quisesse passar suas férias nesse local ou até mesmo não tirasse férias, ele poderia alugar sua vaga e ganhar o lucro correspondente. Dessa tentativa de trabalho o único proveito que tiraria o Loco de Abril, seria o treinamento, incluídos os bebes e comes.

Um dia o Loco de Abril e o Tuborg, outro colombiano que eu conhecera, arrumaram um “bico” distribuindo panfletos na rua. Durante um par de semanas eu os acompanharia trabalhar. O primeiro dia de trabalho distribuindo panfletos começou cedo, às seis e vinte da manhã, horário em que tínhamos combinado nos encontrarmos, no endereço da Casa do Migrante. Encontrei o Loco de Abril, depois andamos em direção ao Vale do

Anhangabaú, atravessamos o Viaduto do Chá em direção à Praça da República, tomamos a Rua 7 de Abril, onde nos encontramos com o Tuborg, nos sentamos na calçada e esperamos em frente de uma galeria comercial, localizada antes da Avenida Ipiranga, que chegasse Cerberus, o guardião, não das portas do Hades, mas dos “panfleteiros”. Cerberus era um nordestino que morava havia 20 anos em São Paulo, dizia estudar na faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica - PUC, tinha como função entregar 1000 panfletos a cada um dos distribuidores, bem como vigiar que estes não fossem jogados no lixo, escondidos ou entregados incorretamente (o certo era um panfleto por transeunte). Também era responsável por entregar um passe de metrô ou ônibus (de ida e volta) e por pagar um café com pão em uma venda ambulante.

A Rua Bernardino de Campos, em frente à estação de metrô Paraíso, foi o local escolhido desse primeiro dia. O trabalho consistia em repartir os panfletos em um local previamente escolhido pelo patrão ou dono do negócio, neste caso, um corretor de seguros que ganhava a vida vendendo planos de saúde. Por cada mil panfletos distribuídos diariamente recebiam 12 reais, que eram acumulativos e pagos na sexta-feira, ou seja, semanalmente embolsavam 60 reais. Sábado e domingo não se trabalhava. O Loco de Abril e o Tuborg se posicionaram perto das duas “bocas” da estação de metrô, onde a afluência de pessoas é maior e não está proibida a entrega de panfletos, como acontece na área interna. Eu fiquei um bom tempo junto como o Loco de Abril, ao lado do viaduto, dali podia ser visto o Obelisco do Ibirapuera. Tanto o Loco de Abril quanto o Tuborg encaravam esta

atividade com muito bom humor, trocando uma ou outra palavra amável com os caminhantes, mas principalmente flertando as mulheres. Cerberus sempre estava por perto vigiando, algumas vezes mais próximo do Loco de Abril outras do Tuborg. Por volta de meio-dia tinham sido entregues todos os panfletos. Então, Cerberus nos daria os passes de metrô. Apanhamos o metrô e fomos em direção ao restaurante “Bom Prato” da Rua 25 de Março. O almoço ali era abundante. Esse dia, nós comemos feijão, farinha, carne, verduras, um pão francês, uma laranja e um refresco. Fizemos a fila, almoçamos ali por um real.

Gesolmina: entre a Espanha e a Colômbia

Gesolmina achava que se uma pessoa de origem colombiana queria dar-se bem na Espanha, deveria ser médica, enfermeira, prostituta ou faxineira. Afirmava que uma prostituta ganhava cerca de cinco mil euros ao mês, trabalhando apenas uma média de quatro horas diárias. Dizia que se ela não se importasse com os valores que tinha aprendido a respeitar, teria se prostituído, pois se ganhava muito bem. Com relação aos temas sexuais, considerava que os espanhóis eram bem mais inquietos que os latino-americanos.

A maioria da família da Gesolmina morava fora da Colômbia. Seus pais, sua irmã mais nova e seu sobrinho (filho desta última) residiam havia pelo menos oito anos nos Estados Unidos. A família do seu pai, inclusive sua avó paterna, tinha emigrado a esse país muitos anos antes. O seu irmão mais velho estava exilado na Inglaterra, já seu irmão mais novo era o único que habitava na Colômbia. A comunicação da Gesolmina com sua família era

bastante fluida e acontecia com bastante frequência.

Gesolmina tinha deixado em Pereira um grupo de amigos e amigas muito importante. Sempre me falava de uma amiga sua que era artista plástica e estava terminando psicologia. Dela me contava sobre a sua grande capacidade de interpretar os sonhos. Dizia que ela era muito importante na sua vida, sempre se comunicavam, em especial, cada vez que tinha queria consultar a ela algum sonho importante.

Gesolmina: professora na Colômbia e faxineira em Barcelona

Gesolmina nasceu e cresceu em Cartago, mas sua vida adulta transcorreu entre Pereira e Cartago. Formada em Matemática, ela trabalhou, durante quinze anos, como professora na rede pública da cidade de Pereira. No entanto, ela não estava satisfeita com o exercício de sua profissão e decidiu empreender paralelamente uma segunda carreira: decoração de interiores, a qual praticou também até antes de sua viagem à Espanha.

Ela chegou à Espanha com o intuito de mudar completamente de vida. Apesar de adorar a matemática e o ensino, ela queria explorar o mundo da arte, da fotografia, do desenho, da decoração de interiores, etc. Com essa ilusão viajaria. Além dos desafetos e a insatisfação profissional, que eu identificava como centrais na decisão migratória da Gesolmina, ela manifestava como motivos da sua saída da Colômbia o desejo de conhecer a Europa, viajar por diferentes países, conhecê-los e aprender sua língua, trabalhando temporariamente em cada um deles.

Antes de tentar a Espanha tentou a Inglaterra, onde seu irmão estava como refugiado. Tentou duas vezes, mas o pedido foi rejeitado. No consulado

inglês o funcionário que a entrevistou lhe manifestou sua suspeita de que fosse viajar a Londres para exercer a prostituição, com a desculpa de fazer um curso de inglês. Essa atitude a fez sentir tanta humilhação, que teve muita vontade de chorar, mas se absteve de fazê-lo na frente deste burocrata. Quando saiu do consulado chorou desconsoladamente. A “escusa” para viajar à Espanha foi o interesse por fazer um curso de fotografia em Madri que duraria um ano, e que conseguiu financiar graças à concessão de um empréstimo do *Instituto Colombiano de Credito y Estudios Técnicos en el Exterior* (ICETEX). Para sobreviver nessa cidade, Gesolmina precisou trabalhar no que aparecesse. Embora o tempo autorizado para estudantes fosse de 20 horas por semana, na prática a maioria o ultrapassa. Gesolmina não era a exceção, pois necessitava se sustentar. Em Madri trabalhou como empregada em uma sorveteria; foi faxineira e cuidou de uma pessoa com deficiência física. Ofícios que nunca tinha exercido na Colômbia. Contudo, Gesolmina adorava Barcelona, sentia esta cidade como sua casa, sentia-se habitada neste espaço, para parafrasear Bachelard. Gostava muito do mar, do barulho das ondas, cada vez que podia passeava pela orla, deitava-se deitada ou sentada tomando o sol, repousava, escrevia ou tirava fotos. Nesta cidade devenha faxineira para ganhar a vida.

Geografia de relações da Gesolmina

Apesar de Gesolmina se autodefinir como uma mulher tímida, eu a achava muito sociável. Por meio dela tive a oportunidade de encontrar e reencontrar muitas pessoas, fazia amigos rapidamente, era muito simpática.

A Anabel Hafen tinha traços mestiços, predominantemente indígenas, de cabelos lisos e pretos, media mais ou

menos um metro e sessenta e tinha, em torno de, quarenta e cinco anos. Anabel liderava um dos projetos de uma ONG em Barcelona, cujo intuito era visibilizar o Movimento de Mulheres contra a Guerra na Colômbia, no seu esforço para atingir uma saída pacífica ao conflito colombiano, sensibilizar a sociedade catalã no referente à crise social e política que vive o país e que é a principal causa das migrações e do exílio. Anabel, psicóloga de formação, especialista em psicologia infantil e estudos jurídicos, tinha chegado a Barcelona havia cerca de três anos, chegou como bolsista do programa Cultura de Paz, que realizara na *Escola de Cultura de Paz* da Universidade Autônoma de Barcelona. Era extrovertida, inteligente, eloqüente e muito conhecida em Barcelona por causa da sua trajetória política. Na Colômbia tinha sido líder de um movimento social feminino que lutava pela defesa dos Direitos Humanos. É de ressaltar que muitos líderes de movimentos sociais, além de sindicalistas, etc., na Colômbia, são ameaçados e perseguidos, portanto, forçados a procurar o exílio. Anabel não tinha sido uma exceção, devido a seu devenirs-militante foi obrigada a abandonar o país. Anabel se definia como auto-exilada. Não optou pelo refúgio, pois, segundo ela, não poderia voltar à Colômbia, não poderia tampouco escrever sobre ele, visitar suas delegações diplomáticas, etc. Apesar disso, respeitava profundamente aquelas pessoas que devieram asilados, como aconteceu com muitas das suas colegas e, inclusive, irmãos, que tiveram, anos atrás, que se refugiar na Grã Bretanha por serem alvos de ameaças e até atentados. Destacava também a enorme coragem daqueles que ficaram no país resistindo aos poderes constituídos.

Durante o primeiro ano Anabel permaneceria em Barcelona como bolsista, após, diante da sua impossibilidade de voltar à Colômbia, teve que de vir indocumentada, seu visto tinha expirado e não podia renová-lo. Por conta da sua trajetória política, Anabel conhecia uma série de entidades e pessoas que lhe serviriam de suporte para permanecer na Espanha. Assim, conseguiu se engajar em uma ONG que lutava pela defesa das mulheres imigrantes, especialmente latino-americanas, ali ganhava um salário de aproximadamente seiscentos euros por mês. Para complementar seus ingressos de venha faxineira ou palestrante. Quanto ao tema dos documentos a situação mudaria quando um dos seus colegas de trabalho, espanhol de nacionalidade, proporia a ela casar-se por conveniência e, assim, de vez resolver seu status de indocumentada, devendo extracomunitária com visto permanente.

Amigos e conterrâneos do Tuborg

Tuborg me falava de colombianos que trabalhavam na Praça da Sé vendendo mercadorias usadas, como, por exemplo, celulares. Também me disse que na Avenida Rio Branco (entre a Avenida Ipiranga e a Rua Aurora) e ruas paralelas a esta, havia redes de tráfico de droga principalmente, entre as quais haveria alguns colombianos, nigerianos, etc. Soube que em algumas ocasiões tinham sido realizadas batidas policiais nas quais foram detidos imigrantes indocumentados, em especial africanos. Nas ocasiões que vaguei por essas ruas, nas horas diurnas, nunca presenciei a ação de dispositivos policiais, contudo, afirmava-se que à noite o panorama era bastante sombrio. Esta avenida apresentava alguns aspectos singulares em relação ao que acontecia nas suas duas calçadas. Do

lado esquerdo, no sentido da Marginal Tietê, a rua estava povoada de africanos, havia rumores que fossem predominantemente nigerianos, mas era comum ver africanos de outras nacionalidades (congoleses, somalis, etíopes, etc.), pois pude reconhecer moradores da Casa do Migrante, ouviam-se diversas línguas africanas, bem como inglês ou francês, havia um grande número de comércios étnicos: cabeleireiros, bares e cibercafés. A Rio Branco era agitada principalmente à tarde e à noite. Na calçada oposta o panorama era totalmente diferente, ali seus povoadores eram sul-americanos, predominantemente peruanos, não havia comércios étnicos, como na calçada oposta, mas pequenos hotéis freqüentados por pessoas de origem hispânica. Homens peruanos vendiam ligações de telefone celular a outros países, em especial hispano-americanos. Esta calçada era frequentada por moradores da Casa do Migrante ou da Casa das Mulheres, entre eles colombianos, as tarifas eram muito menores que as do mercado formal. Durante os finais de semana a rua estava habitada por vendedores ambulantes peruanos que ofereciam comidas e bebidas típicas deste país, ao som de música “peruana” proveniente de gravadores.

Um dos personagens mais pitorescos dos quais me falava o Tuborg era o Pibe, a quem não conheci pessoalmente. O Pibe era um sacana empedernido; contava o Tuborg que tinha enganado e roubado tanto a guerrilheiros quanto a paramilitares e por essa razão teria fugido da Colômbia. Já tinha morado em outros países da América Latina. Era cozinheiro, ao parecer cozinhava e vestia-se muito bem, além de ter uma “lábria” impressionante. Parecia ser um viajante incansável, pois teria conhecido muitas cidades do Brasil. Porém, a

história que mais me impactou sobre ele, foi a de que possuía uma lista com endereços e telefones de colombianos “ricos” que moravam no Brasil, aos quais visitava e pedia dinheiro emprestado, que, obviamente, nunca devolvia. Depois de aplicar este golpe, teria vendido a lista a outro compatriota, quem por sua vez a usufruiria e a revenderia. Enfim, o Pibe, tal como dizia Tuborg, era um *bon vivant*. Ele, como tantas outras pessoas que encontramos no caleidoscópio urbano da América Latina, encarnava um desses personagens “macondianos”, que não cessam de lembrarmos essa constante irrupção da ficção na vida cotidiana.

Tuborg: “devorado” pelo Brasil e “tocatas e fugas”

Havia mais ou menos quatro anos que Tuborg tinha chegado ao Brasil, mas fazia quase três estava indocumentado. Ele me disse que já tinha sido solicitante de refúgio, durante cerca de um ano esteve nessa situação. Porém, não lhe fora concedido o status de refugiado. Seu devenir-indocumentado lhe produzia muito desassossego, ele ansiava que chegasse logo a tão esperada anistia migratória, havia rumores que aconteceria uma em 2008, quando se completariam dez anos da última, entretanto, não teria chegado ainda no início de fevereiro de 2009. Esta era aguardada pelos cerca de 600 mil imigrantes indocumentados que vivem no Brasil. Tuborg, ao igual que outros colombianos, contou-me sobre suas intenções de ir à Guiana Francesa para solicitar refúgio, como alternativa à falida tentativa de solicitação de asilo no Brasil ou diante do surgimento de ameaças ou grandes dificuldades de “inserção social”. Em condição de solicitantes de refúgio, na Guiana Francesa, estas pessoas teriam

eventualmente a oportunidade de entrar na França, respectivamente na Europa, como parecia ser a aspiração de várias delas. No caso do Tuborg, essas idéias não passaram de “tocatas e fugas”, porém, conheci pessoas, que foram obrigadas a fugir do Brasil. Com freqüência tive a sensação de que ele era mais um dos “devorados” pelo Brasil. Obviamente, alguns colombianos tinham motivos de força maior para procurar asilo fora do Brasil, tanto por causa de ameaças quanto pelas escassas garantias da proteção internacional. Durante minha permanência na Europa em 2008, tive a oportunidade de reencontrar em Paris um jovem colombiano, ex-morador da Casa do Migrante, que tinha realizado exitosamente a travessia pela Guiana Francesa. Tuborg afirmava não haver futuro na Colômbia, por isso teria vindo ao Brasil, um país próximo que não exigia muitos trâmites burocráticos, como vistos, mas apenas o passaporte e a vacina contra a febre amarela, além disso, porque tinha conhecidos em Manaus e São Paulo da sua igreja: a Assembléia de Deus. Entretanto, nunca presenciei seu devenir-místico. Apesar de destacar um maior “investimento social” no Brasil, era ciente de que não se tratava de Eldorado.

Os *encontros* fortuitos que experimentei em ocasião de uma prática etnográfica em São Paulo e Barcelona com alguns colombianos aumentaram, em geral, minha potência de agir, adentrar-me-ão em múltiplas mesclas, inúmeros devenires, como, por exemplo, o *Outro*, o estrangeiro, *objeto/sujeito* por antonomásia da antropologia, que permearam a pesquisa de tal forma que me incitaram a abordar o acontecimento conforme Deleuze, isto é, um pensamento do presente infinitivo, o qual nos situa fora do trilhado discurso da identidade e sua pretensão hermenêutica,

da filosofia da história, da lógica (neo)positivista ou fenomenológica, que libera o acontecimento do mundo, do eu, do Deus, da esfera, do círculo, do centro, tríplice condição da sua sujeição, na qual ainda hoje é mantido (FOUCAULT, 1995: 21).

Referências

DELGADO, M. **La ciudad mentirosa**. Fraude y miseria del modelo Barcelona. Madrid: Ediciones Catarata, 2007.

SPINOZA, B. **Ética – Tratado Teológico Político**. México: Editorial Porrúa, S.A., 1990.

DELEUZE, G. **Curso de Vincennes sobre Spinoza** (24/01/1978), disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=12&groupe=Spinoza&langue=3> [acessada em 12/07/2009].

DELEUZE, G. **Cours Vincennes** (20/01/1981), disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=36&groupe=Spinoza&langue=3> [acessada em 12/07/2009].

FOUCAULT, M.; DELEUZE, G. **Theatrum Philosophicum seguido de Repetición y Diferencia**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.



* **RAFAEL ESTRADA MEJÍA** é Doutorando de Antropologia Social no IFCH da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).